

PERNAMBUCO Pré-candidato disse que situação é fruto da 'omissão' dos governos do PSB

Miguel associa pobreza ao 'descaso'

RENATA MONTEIRO

rmonteiro@jc.com.br

Um dia após o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social) divulgar que mais da metade da população pernambucana terminou o ano de 2021 na pobreza, o pré-candidato a governador pelo União Brasil, Miguel Coelho, afirmou que o dado mostra "o acúmulo de 8, 10, 12 anos de descaso" da atual gestão com o Estado. Segundo o Mapa da Nova Pobreza, o número de pessoas com renda familiar com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais chegou a 62,9 milhões no ano passado, o que equivale a 29,6% da população total do Brasil.

"O diagnóstico primeiro é o acúmulo de 8, 10, 12 anos de descaso, de omissão, de colocar o problema de lado achando que isso não iria aparecer. Mas está aparecendo e, infelizmente, da pior maneira. A gente já sentia isso pelo desemprego, pela violência e agora ficou muito claro pelo próprio índice da pobreza", afirmou Miguel, nesta quinta-feira (30).

Postulante a governador, o ex-prefeito de Petrolina disse, ainda, que para solucionar esse problema é necessário que o Estado adote algumas medidas, sendo parte delas de



BRUNO CAMPOS/JC IMAGEM

LEVANTAMENTO Segundo o FGV Social, mais de 50% da população do Estado terminou o ano de 2021 na pobreza

caráter emergencial. "A gente precisa olhar para essas pessoas, muitas delas na extrema pobreza, vivendo com cerca de R\$ 80 ou R\$ 100. A nossa ideia é poder consolidar todos os programas sociais que o Estado tem, juntar tudo em um só, ampliá-lo para atender pelo menos o dobro do que o Chapéu de Palha atende hoje, com o valor uniforme de R\$ 300. É necessário, também, que ele se complemente ao Auxílio Brasil, não sendo só a diferença, como hoje é", explicou o pré-candidato.

Mas Miguel também disse considerar necessária a reinserção dessas pessoas no mercado de trabalho, para que o auxílio governamental seja apenas um "remédio temporário". "A gente precisa investir na profissionalização, na capacitação, na qualificação. Precisamos trazer essas pessoas de volta ao mercado de trabalho, porque a gente não pode ter a visão pequena de que a solução do problema é um programa social. Programa social é um remédio temporário, é um paliativo

para você ajudar no momento mais grave, mas o que resolve é trazer o emprego, porque é isso que vai dar a perenidade de um salário de R\$ 1.500, R\$ 1.800, R\$ 2.000, seja qual for o salário médio, pois isso depende de cada região do Estado", observou.

"O que falta (para o governo) é prioridade, é pegar o dinheiro que tem, seja do Estado ou do que vier das parcerias privadas, e investir onde possa haver um poder de transformação maior", completou o pré-candidato.